

Mar, Silêncio e Poesia

Leituras de poemas de Walflan de Queiroz

JOÃO ANTÔNIO BEZERRA NETO

MÁRCIO SIMÕES

Os dois ensaios enfeixados nesta plaqueta resultam de uma colaboração intelectual acerca do lirismo do poeta Walflan de Queiroz. Cada ensaio buscou analisar um poema extraído da sua obra poética constituída, como se sabe, de oito livros de poesia publicados entre as décadas de 60 e 70 do século XX.

Convém dizer essencialmente que Walflan de Queiroz nasceu a 31 de maio de 1930, em São Miguel, interior do Rio Grande do Norte. Em Natal, após concluir os estudos no Atheneu, ingressou na tradicional Faculdade de Direito em Recife, onde se formou, obtendo o título de Bacharel, porém não exerceu a profissão.

Esta plaqueta visa também homenagear o poeta, que, falecido a 13 de agosto de 1995, há exatos 16 anos, se vivo fosse, estaria com 81 anos de idade.

Os autores

Walflan de Queiroz: Mar e Poesia

João Antônio Bezerra Neto

*Ó mer, nul ne connaît tes richesses intimes,
Tant vous êtes jaloux de garder vos secrets!*

“L’Homme et la Mer”. Charles Baudelaire.

*Que nostalgia vem das tuas vagas,
Ó velho mar, ó lutador Oceano!*

“O Mar”. Cruz e Sousa.



O tema do mar sempre teve um valor simbólico de profunda inserção na literatura. Do Ocidente ao Oriente, o mar se constitui como um dos elementos que faz parte do imaginário dos povos. De imediato, impossível não pensar em poetas da magnitude de um Fernando Pessoa, que invocando o mar, cantou a história de sua nação em tão belos versos: “Ó mar salgado, quanto de teu sal / São lágrimas de Portugal!”.

O mar é largamente explorado também na poesia brasileira, pois a sua presença se faz nos versos de Castro Alves, de Cecília Meireles, de Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, entre tantos outros. No poema “Mar”, o poeta Tasso da Silveira escreveu: “Hoje estou como nunca sentindo o mar, o denso mar. / O mar, no seio de cujas solidões os continentes são / como pobres pranchas a que se agarram náufragos”. O mar, símbolo do inconsciente, é um dos temas universais, de grandeza imensurável, assim como o Amor, a Morte, a Noite, a Solidão.

Ao olharmos para a literatura produzida, por exemplo, no Rio Grande do Norte, percebemos facilmente uma significativa recorrência simbólica do mar em poetas como Deífilo Gurgel, Zila Mamede e Gilberto Avelino, autor de um conjunto de sonetos enfeixados sob o título de “Cantos de Fidelidade ao Mar”.

Nesse sentido, o presente ensaio analisa a metáfora do mar na poesia lírica de Walfan de Queiroz. Este poeta foi um homem do mar. Um marinheiro mercante que se aventurou em velhos cargueiros numa experiência única que ficaria inscrita por toda a sua existência. O mar entrou na sua vida para depois transfigurar-se em sua poesia.

O mar, *leitmotiv* em *O Tempo da Solidão*, o seu livro de estreia em 1960, que se chamaria a princí-

6 | pio, *Os Fundamentos do Mar*, traz as ressonâncias da juventude, as recordações das viagens de navio, misturando-se às saudades das Amadas, estritamente relacionado à morte e à transitoriedade existencial.

O escritor Luís da Câmara Cascudo reconhece a importância que o mar provocou na alma do poeta: “Conheci Walflan de Queiroz antes e depois de sua aventura no mar, um mar amargo e sonoro que o impregnou de sal e de melodias distantes e nostálgicas”.

O mar, misto de realidades e de sonhos em sua poesia. Sempre o mar, a obsessão pela fuga, pela desventura, como nestes versos: “Quando eu partir, para o mar alto e profundo, / No meu barco interdito e cruel, / Não mais ouvirás falar de mim”. No poema “Autorretrato”, o poeta Walflan constrói à maneira de um fingimento poético a sua imagem marítima: “Minha pele, queimada eternamente pelo sol, tem o sal do mar / E a cor morena dos que são naufragos”.

Como símbolo da vida, o mar é uma pulção, elemento metafórico que revela angústia: “Teus olhos que se encontravam com os meus, / Eram como um farol me guiando no mar cheio de tormentas de minha vida”.

“Deus fez primeiro a ti, depois o mar azul”, o poeta murmura em sua “Elegia para Irene”, uma

de suas grandes paixões em vida. No fim de sua elegia, admite: “E escrevi o teu nome nas ondas do mar implacável e nostálgico”. O mar, com toda a sua simbologia, como se vê em seus versos, está muitas vezes associado ao sentimento amoroso do poeta, conforme também lemos nos versos dirigidos a Tânia, outra musa, outra paixão: “Tenho sede. O mar também tem sede. Por isso, ele nos separou. / Sabes que o mar, separa mais do que a morte, Tânia?” O mar tem sede, aprisiona e liberta. O mar separa, aumenta as distâncias. O mar cura. O mar de amarguras amaríssimas. Eis a metáfora do mar para simbolizar a desilusão do amor.

Em sua fase religiosa, o poeta Walflan evoca o mar como expressão da infância, algo metafísico e ontológico, místico e existencial. No poema “Mar interior”, em seu livro *A Colina de Deus* (1967), proclama de forma introspectiva: “Dou-Te o mar de minha infância. / Minha colina, meu castelo / E as lendas de antigos príncipes. / Dou-Te este mar, onde guardei tesouros, / Crepúsculos e melancolia”. O poeta consagra a sua imaginação ao mar, pensando de um modo abstrato. O devaneio é dominante, psicologicamente complexo. O mar de sua infância guarda seus tesouros, sua inquietação.



Como se observa, é muito forte a presença do mar na poesia walflianiana. Sendo assim, o poema que selecionamos para a leitura chama-se “Mar de Infância”, publicado no livro de aura profundamente religiosa, *Nas Fontes da Salvação* (1970), cujo título sugere uma estoica resignação.

MAR DE INFÂNCIA

Mar de infância, mar sereno
De espumas brancas e ondas verdes,
Levemente tocadas pelo sol
E que se quebravam contra a praia.

Muitas vezes, deitado na praia,
Escutava o murmúrio misterioso,
De tua música implacável e doce,
Qual harpa de Davi ao meu ouvido.

Mar de infância, de sargaços
E de silenciosos barcos distantes,
Que iam e vinham não sei pra onde.

Mar de infância, tranquilo
De estrelas e de búzios,
Silente, primitivo e imenso.

(*Nas Fontes da Salvação*, p. 27)

O poema se apresenta na forma de um soneto, com seus dois quartetos e dois tercetos, totalizando quatorze versos, muito embora sem a versificação tradicional, não estando devidamente metrificado e rimado. Um soneto que contém ecos de uma linguagem marinha, sustentada pela força imagística dos elementos que contribuem para o seu significado.

Nas suas imagens, de estrutura predominantemente sensorial, busca o Absoluto, o Eterno, ou seja, um efeito de natureza estética, revelando em alguns momentos uma visão simbolista da realidade pela intensificação dos recursos poéticos empregados.

O mar no poema inspira recordações, permanece vivo e latente no espaço sagrado da infância. O mar da infância do poeta repercute no âmago do seu ser. O mar emerge das profundezas da sua alma. O seu devaneio trabalha em torno desse mar preservado na memória e no imaginário.

O retorno à infância, explica-nos o filósofo francês Gaston Bachelard, em seu livro *A Poética do Devaneio*, devolve o homem à beleza das imagens primeiras. Sonhar com a infância implica regressar “à morada dos devaneios, aos devaneios que nos abriam o mundo”, como escreve Bachelard.

No poema de Walfan de Queiroz prevalece o tom afetivo, pois o eu lírico se dirige ao mar de sua

10 | infância com ternura, com carinho. A paisagem marítima se abre diante dos seus olhos banhados pela mais pura contemplação. Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo sugerem o passado intrínseco, fatos que não foram ainda concluídos. Por isso, o passado é vibrante, a memória é substancial.

Na primeira estrofe, temos a personificação na singela evocação feita pelo eu lírico “mar de infância, mar sereno”, repleto de “espumas brancas e ondas verdes”. As cores dão a matiz do sentimento revivido, pois as “ondas verdes” formam “espumas brancas” que reluzem ao sol.

Já na segunda estrofe, o mar canta para a sua alma sonhadora, uma alma que apreende e escuta em silêncio. Os versos contêm expressões enriquecidas de significados compostos pela personificação, pela sinestesia e pela comparação. “Deitado na praia, / Escutava o murmúrio misterioso, / De tua música implacável e doce, / Qual harpa de Davi ao meu ouvido”. O “murmúrio misterioso” de suas ondas é associado à música saída da harpa do rei Davi, o salmista, que para os cristãos, lembra o teólogo brasileiro Leonardo Boff, é um dos antepassados de Jesus Cristo.

Do mar vem a música, o som da infância, vem a lembrança. A praia é refúgio, repouso, descanso. O mar transcende assim como os salmos de

Davi. O mar clama. O mar clama entre o efêmero | 11
da existência e o fluir ininterrupto do tempo. O mar
do poeta situa-se entre a infância e a espiritualidade.
Mar múltiplo, constante, mutável, atemporal.

É na água do mar que o poeta materializa o
seu devaneio. O seu “mar de infância” é preenchido
de “sargaços”. Desse mar, avistam-se “silenciosos
barcos distantes” que rumam para o horizonte des-
conhecido.

Na quarta e última estrofe, a imagem do mar
aparece vestida de significantes que despertam o si-
lêncio longínquo, a primitividade, a cosmicidade, a
imensidão. Vejamos: “Mar de infância, tranquilo /
De estrelas e de búzios, / Silente, primitivo e imen-
so”. O mar simboliza a infinitude, o incomensurável,
um apelo à profundidade insondável dos abismos e,
numa visão místico-religiosa, a dissolução no Misté-
rio da Eternidade.

A simbologia do mar no poema se constrói,
portanto, como elemento de integração com a natu-
reza, suscitando uma luminosa conexão com o Todo,
uma comunhão com o Absoluto, marca estilística do
lirismo transcendente do poeta Walfan de Queiroz.



A Revelação do Silêncio:

tempo e solidão no *Poema em Outubro*

Márcio Simões

*En todas las cosas hay una palabra interna,
una palabra latente y que está debajo
de la palabra que las designa. Esa es la
palabra que debe descubrir el poeta.*

Vicente Huidobro



Um dos grandes méritos de Walfan de Queiroz, fonte de seus poemas, foi sua vivência integral da poesia, sua dedicação sem concessões ao seu talento e compreensão. Irmanava-se aos poetas que lia, andava com eles pela cidade. Dono de um temperamento boêmio e passional, a um só tempo tempestuoso e contemplativo, não fazia distinção entre o que havia lido e o que vivia. Sua vida era permeada pelas suas leituras, que conduziam seu olhar ao mundo e moldavam a forma de experienciá-lo. Muitas vezes, determinavam atitudes concretas, como a decisão de partir para o mar num navio mercante. Experiência que, por sua vez, ressurgiria e alimentaria sua poesia.

Em muitos de seus poemas, o mar é justamente este signo de trânsito permanente entre o simbólico e o real, de união entre a experiência dos sentidos e suas representações. São inúmeros os poemas onde o mar aparece, numa miríade de imagens, metáforas e comparações. Há outros, no entanto, onde sua presença é apenas sugerida ou intuída, como no poema que segue:

POEMA EM OUTUBRO

à Deusa da Poesia

Um distante silêncio, vindo das devastadas mansões do tempo,
Vem ao meu encontro, e, como suave neve, como delicada
[chuva em Outubro
Molha a solidão de minha noite fria.
Graças a ele, penso tristemente nos mortos e amantes
[que se foram
Como irradiante réstia de sol, como água que corre dos rios
E me traz o aroma das margaridas adolescentes, o brilho
[de peixes de cristal.
Estes mortos nos quais eu penso, andaram por ilhas,
[conheceram baías verdes,
E como vulcões, ergueram suas chamas ardentes contra o céu.
Um distante silêncio desce das devastadas mansões do tempo,
[molhando minha solidão.

(O livro de Tânia, p. 71)

Constituído de apenas quatro períodos longos, com versos de cadência lenta, o poema parece tratar do próprio momento em que a revelação poética e existencial se instaura. Não por acaso, está dedicado à *Densa da Poesia*, evocando o ente misterioso que inspira o canto dos poetas, o arquétipo feminino primordial de infinitos nomes. O ponto de partida do poema é o *silêncio* (v. 1), algo tão raro de se atingir nos dias de hoje. Silêncio original e originário, surge de longe, e parece ter a sutileza das coisas incomuns, denominadas *distantes*. Em seu trajeto, percorre as *devastadas mansões do tempo*, lugar de eleição – como sugere a imagem – de tudo que é impermanente e perecível, de tudo que vive e, vivendo, cotidianamente arruína-se. Não há melhor representação para a transitoriedade das coisas do que a ideia delas se desfazendo com o passar do tempo, escoando-se e abandonado constantemente suas formas, que, no entanto, assinalam e viabilizam sua existência, identificando-se a ela.

A chegada da revelação silenciosa é sutil, *suave*, *delicada*, subterrânea, evocada com as imagens da *neve* e da *chuva* associadas (v. 2). E aqui surgem outros dois elementos de importância maior no poema, a *solidão* e a *noite*. Noite que comparece em mais de uma tradição mística associada à revelação, ao oculto. Podemos recordar a **Noite Escura da Alma** de

16 | São João da Cruz, que o guiava “segura como a luz do meio-dia”, ou a **Treva Divina** de que nos fala o Pseudo-Dionísio Areopagita, ao aconselhar a seu discípulo Tímóteo a renunciar às “percepções sensoriais e às atividades intelectivas”, pois “no distanciamento irresistível e absoluto de ti mesmo e de tudo, uma vez arrebatado e liberto de todas as coisas, elevar-te-ás em plena pureza até ao brilho, que é mais que substancial, da obscuridade divina”. O próprio Walfan de Queiroz desenvolveria o tema da noite mística, como no poema **A Noite de Allah**, onde afirma, “Vi tua Noite, Senhor! Maravilhosa Noite de milhões de astros e sois adjacentes... Noite de Luz como num nicho”.

Corroborando sua vivência negativa, noturna, o eu lírico não tem pudores em afirmar sentir *tristemente* sua experiência (v. 3). É natural que a revelação encontre-se permeada de melancolia, uma vez que se dá através da *noite fria* e na *solidão*. Esta que é a mais antiga e natural forma de interiorização contemplativa, de afastamento das sollicitações e demandas do mundo exterior. É sintomático que numa época materialista como a nossa a felicidade exterior e a excitação dos sentidos sejam a única dieta recomendável. São raros – e dissidentes – os que como Nick Cave reclamam o “direito que Deus nos deu de sermos tristes”.

No entanto, há outros elementos presentes que podem ser associados ao oculto e à sua relação com o aparente; à dialética entre elementos díspares que, entretanto, se associam. Assim podem ser lidos os signos equáticos do *rio* e do *mar*, cujos rastros percorrem o poema. Em várias tradições, especialmente orientais, esses dois elementos são associados, respectivamente, à transitoriedade e à eternidade. As águas correntes do rio representando o tempo e a mudança, enquanto as águas do mar, eternamente revoltas sobre si mesmas, sempre diversas mas únicas, representam o mistério da transcendência divina, meta final a ser atingida pelas águas em disparada.

Entretanto o eu lírico – solitário, permeado pelo silêncio, cuja onipresença e capacidade de tudo abarcar vê-se na imagem ubíqua da *chuva* que tudo molha e contém quando está presente (v. 3) –, em vez de mergulhar na vacuidade da noite numinosa, na atemporalidade do oceano místico que se apresenta, depara-se, ao contrário, com a torrente contínua dos *mortos e amantes que se foram* (v. 4). Retorna ao rio – com suas águas que correm – e ao tempo, embora num estado mais elevado, abarcando uma sucessão temporal mais ampla e uma humanidade mais elástica em seu atavismo.

Aqui, a par da melancolia, surge a intensidade e o gosto da experiência de viver. Os “mortos” são peregrinos, aventureiros que *andaram por ilhas e conheceram baías verdes* (v. 7). São como *vulcões* (v. 8), que ergueram suas chamas ardentes contra o céu, contrastando com a imensidão, signo do Absoluto. Dessa forma, não só se individualizaram com relação a ele, mas honraram-no, ao elevarem-se; como o vulcão ergue a terra ao céu com suas labaredas indomáveis. Assim, tais mortos – *irradiantes réstias de sol, águas que correm dos rios* (v. 5) – são portadores da própria revelação, trazendo um *aroma*, uma *cintilância* de absoluto e de misteriosa poesia, fixados de maneira indelével nas imagens das *margaridas adolescentes* e dos *peixes de cristal* (v. 6). Sinais do inapreensível, signos luminosos do oculto e maravilhoso que só a linguagem poética consegue abarcar.

E neste momento, o vazio da treva mística e a corrente irrefreável de vidas e formas presentes, o rio e o mar, o tempo e a eternidade, a terra e o céu dão-se as mãos e retornam, sem tempo, ao seu princípio perpétuo.



Os Autores

João Antônio Bezerra Neto (Brasil, 1980). Formado em Letras pela UFRN. É autor da dissertação de mestrado *Permanência de Walflan de Queiroz: uma leitura da obra O Testamento de Jó*. Iniciou o curso de Ciências da Religião na UERN, mas abandonou após três meses de aula. Atualmente, faz doutorado (PPgEL/UFRN) dando continuidade aos seus estudos sobre a vida e a obra do poeta Walflan de Queiroz.

Márcio Simões (Brasil, 1979). Graduado em Letras pela UFRN, com mestrado em Linguística Aplicada. Publicou uma plaqueta, *O Pastoreio do Boi* (Flor do Sal, 2008) e escreveu *Os Dias de Pólen* (poemas), inédito. Tem pronto para edição o volume *Gregory Corso - Antologia Poética*, no prelo das Edições Nephelibata.